



E O FINAL FELIZ PARA AS LÉSBICAS? NOTAS SOBRE CINEMA E SEXUALIDADE¹

Cindy Faria Silva²
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo: Este trabalho faz uma reflexão sobre a forma como a relação afetivo-sexual entre duas mulheres é mostrada no cinema. Com pesquisa bibliográfica sobre gênero, sexualidade e representação, especialmente os estudos de Louro (2008) e Bianchi (2017), busca-se analisar a escassez de finais felizes para personagens lésbicas, mesmo em filmes nos quais elas são protagonistas.

Palavras-chave: Lésbicas; representatividade; cinema; sexualidade.

Resumo expandido

Durante toda a história do cinema observa-se uma escassez na representatividade de lésbicas e gays, como demonstram Lopes (2006) e o documentário *O outro lado de Hollywood (Celluloid Closet)*, Robert Epstein e Jeffrey Friedman, EUA, 1995). A falta de personagens lésbicas nas narrativas cinematográficas demonstra um silenciamento sobre como elas vivem e se relacionam, pois em muitos filmes mesmo que a relação entre duas mulheres dessem indícios de ser um romance, isso ficava subentendido e cabia as/aos espectadoras/es enxergar essas personagens como um casal ou não. Dois exemplos clássicos dessa representação é o filme *Tomates Verdes Fritos* (Jon Avnet, 1991) e a série *Xena: princesa guerreira* (Robert Tapert, 1995).

Em filmes das décadas de 1960 a 1980 a figura masculina quase sempre fazia parte dos relacionamentos lésbicos, fetichizando a relação entre as duas (BIANCHI, 2017). Além disso, na maioria das histórias a personagem lésbica tem um final triste: uma morte trágica, algum tipo de violência, o encontro com o homem certo, que a faz assumir uma heterossexualidade por pressão da família e amigos. Porém, tais desfechos também podem ser vistos nos filmes mais recentes como *Aimée & Jaguar* (Max Färberböck, 1999),

¹ Trabalho apresentado à 8ª SAU 2019 - Semana do Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Goiânia - Laranjeiras.

² Graduanda do 7º período do curso de Cinema e Audiovisual na Universidade Estadual de Goiás. E-mail: faria.cindys@gmail.com



Assunto de Meninas (Léa Pool, 2001), *Azul é a cor mais quente* (Abdellatif Kechiche, 2013).

Atualmente, também como resultado das reivindicações de grupos gays e lésbicos (LOPES, 2006) por visibilidade e reconhecimento social e também na mídia, empreendidas desde os anos de 1960, já é possível que mulheres lésbicas e bissexuais encontrem produtos audiovisuais com o quais possam se identificar, especialmente com relação ao final feliz, consolidado no cinema como padrão de felicidade e plenitude. Desse modo, embora atue como uma pedagogia cultural (LOURO, 2008), o cinema também tem a capacidade de propor novas formas de representações e questionar os papéis pré-estabelecidos. Como exemplo de produções que tem um final feliz para lésbicas, podemos citar *Imagine eu e você* (Ol Parker, 2005), *Falsas Aparências* (Aisling Walsh, 2005), *Elena Undone* (Nicole Conn, 2010), *Nunca fui santa* (Jamie Babbit, 1999), *Livrando a cara* (Alice Wu, 2004), *Carol* (Todd Haynes, 2015) e *A criada* (Park Chan-wook, 2016).

Nesses filmes, mesmo que a protagonista passe por dificuldades – devido à sua sexualidade ou não – o final é gratificante para elas. Elas não são punidas com um final trágico por amar outra mulher. A grande maioria desses filmes são “[...] feitos de forma independente, com baixo orçamento e pouco investimento em divulgação”, como destaca Bianchi (2017, p.244), ou seja, não se trata de uma temática que interessa às grandes produções.

Portanto, diante da importância do cinema em sua capacidade de “[...] pluralizar as representações sobre a sexualidade e os gêneros” (LOURO, 2008, p. 94), mostra fundamental o entendimento de que há muitas variáveis nas relações lésbicas que podem ser exploradas. Os filmes citados são somente alguns exemplos de como é possível aprofundar no amor entre duas mulheres saindo da forma problemática de como essas relações normalmente são retratadas. Ter mais investimento nessas produções em que há protagonistas lésbicas – ou bissexuais – se faz urgente, pois é necessário criar representações com maior fidelidade acerca dos afetos, dos dilemas, da realidade vivida por essas mulheres, por esses casais.



Referências Bibliográficas

BIANCHI, Naiade Seixas. **Em busca de um cinema lésbico nacional**. Periódicus, n.7, v.1. 2017.

LOPES, Denilson. Cinema e gênero. In: MASCARELLO, Fernando (org). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, p. 379-393, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Cinema e sexualidade. **Revista Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 33, n. 1 (jan./jun. 2008), p. 81-97, 2008.

VALKIRIAS. **A invisibilidade lésbica no cinema**. Disponível em:
<<http://valkirias.com.br/a-invisibilidade-lesbica-no-cinema/>> Acesso em 26 de agosto de 2019.